

Felipe Vander Velden¹

OBJETO PRA CACHORRO: Cultura material e cães nas terras baixas sul-americanas

OBJECTS FOR DOGS: Material culture and dogs in lowland south america

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais (DCSo) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

RESUMO

Nossos animais de estimação – os hoje chamados pets – vivem atualmente cercados por uma plethora de objetos cada vez mais impressionante, impulsionada por um mercado que cresce e diversifica opções, dando origem a uma pujante cultura material muito específica, e que se autonomiza de modo acelerado em relação aos objetos com os mesmos fins para usos humanos. Supõe-se, a partir daí, que tratamos os pets com grande cuidado, carinho e preocupação, além de elevadas somas de dinheiro. Ao contrário, os cachorros entre os povos indígenas nas terras baixas sul-americanas são geralmente descritos como pobres animais: abandonados, maltratados, sujos, doentes, esquálidos e famélicos. Aos “cachorros de aldeia” não se oferece qualquer atenção especial, frequentemente nem mesmo alimento. Nesse cenário, seria plausível supor que não existiria nenhum objeto ou sistema de objetos associados a esses tristes caninos. Todavia, verifica-se uma rica cultura material associada aos cães nos mundos ameríndios – artefatos que mediam as relações entre humanos e cachorros, no que podemos denominar de materialidades da familiarização – que é ainda virtualmente desconhecida. Neste artigo discuto alguns desses artefatos, e o que eles podem nos dizer sobre modos ameríndios de relação com o cão.

PALAVRAS-CHAVE: Cachorros; Cultura Material; Objetos; Afeto-Controle.

ABSTRACT

Our contemporary pets live surrounded by an increasingly impressive plethora of objects, driven by a market that grows and diversifies options, giving rise to a thriving, very specific material culture, which is becoming autonomous at an accelerated rate in relation to objects with the same purposes, but for human uses. From then on, it is assumed that we treat pets with great care, affection, and concern, in addition to large sums of money. On the contrary, dogs among indigenous peoples in lowland South America are generally described as poor animals: abandoned, mistreated, dirty, sick, emaciated and starving, to “village dogs” are not offered any special attention, often not even food. In this scenario, it would be possible to assume that there would be no object or system of objects associated with these sad canine beings. However, there is a rich material culture associated with dogs in Amerindian worlds – artifacts that mediate relationships between humans and dogs, in what we can call materialities of familiarization – which is still virtually unknown. In this article I discuss some of these artifacts, and what they can tell us about Amerindian ways of relating to dogs.

KEY WORDS: Dogs; Material Culture; Objects; Affect-Control

INTRODUÇÃO

O assim chamado mercado *pet*, definido como a indústria abrangente que cria, desenvolve, produz e comercializa produtos e serviços destinados aos animais de estimação, sobretudo cães e gatos, é um ramo de negócios em franca expansão no Brasil e no mundo. De acordo com a ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), no ano de 2022, 285 mil empresas voltadas para este segmento faturaram R\$ 41,9 bilhões, respondendo, assim, por 0,36% do PIB brasileiro². Uma das características desse mercado que mais impressiona hoje em dia é a enorme e crescente variedade de produtos, como qualquer um que visite um pet shop, casa de ração ou agropecuária pode facilmente constatar: um gigantesco sistema de objetos voltados para a atenção aos pets, uma cultura material incrivelmente diversificada que parece não só criar necessidades ou desejos nos/dos animais análogos àqueles humanos – no que alguns autores têm chamado de petização ou petichização (*petization*) das marcas industriais ou comerciais (ANAND, 2021) –, mas igualmente oferecer um produto, ou uma variedade de produtos, que atendam rapidamente à cada uma dessas (novas) necessidades ou desejos (CALMON DE OLIVEIRA, 2006; KULICK, 2009; PASTORI; MATOS, 2015; OSÓRIO, 2019) que poderíamos mesmo chamar de *humanimais*. Este mercado multibilionário, segundo Charles Stépanoff (2021, p. 207), resulta do modo como o ocidente tem cada vez mais limitado as interações intraespecíficas dos cães e fixado como única relação legítima aquela interespecífica, entre cachorros e humanos – e, com isso, há de se suprir, afinal, todas as (supostas) necessidades dos animais de companhia.

Este é o pano de fundo que sugiro observarmos de modo a criticar duas suposições equivocadas. A primeira é a de que a cultura material associada aos animais de companhia é um fenômeno novo. Na verdade, é o seu excesso – “um mundo de produtos para animais de estimação” encontrados no mercado hoje em dia (PASTORI, 2012, p. 61) – que constitui uma novidade ou manifestação recente dos hábitos de consumo, compra, venda e uso de objetos. Existem, por exemplo, registros de artefatos associados à criação de cães há milênios, como mostram evidências (pinturas rupestres) do uso de coleiras guias em partes da Ásia e África há pelo menos 13 mil anos antes do presente (PADRONE, 2014; HERMANN, 2019). Neste artigo estarei concentrado, portanto, no cachorro (*Canis lupus familiaris*), o mais antigo animal de companhia de coletivos humanos.

²Ver

[https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/crescimento-do-mercado-pet-e-oportunidade-de-negocio.021731b7fe057810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=%E2%80%9CN%C3%A3o%20%C3%A9%20%C3%A9%20%C3%A0%20toa%20que,R%24%2041%2C9%20bilh%C3%B5es.](https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/crescimento-do-mercado-pet-e-oportunidade-de-negocio.021731b7fe057810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=%E2%80%9CN%C3%A3o%20%C3%A9%20%C3%A0%20toa%20que,R%24%2041%2C9%20bilh%C3%B5es.) (acesso em 30/03/2024).



Imagen 1: Mosaico encontrado em Pompeia utilizado para avisar sobre a presença de cães (Cave Canem – “cuidado com o cão”). Museo Archeologico Nazionale di Napoli. Foto: Robin Dawes (Domínio público, CC BY-NC-ND).

A segunda suposição que é preciso despachar é aquela que associa a imagem dos cachorros em aldeias indígenas nas terras baixas da América do Sul, em geral magros, sujos, famélicos e doentes, pobres criaturas aparentemente abandonadas à própria sorte e conhecidas por vários registros (por exemplo, BALDUS, 1970, p. 183, para ficar tão somente com uma menção clássica), com a ausência de cuidados, muitos deles mediados por artefatos ou associados ao emprego de certos objetos, vários deles especificamente produzidos para isso, como se verá. Ainda que, em extensas porções das terras baixas sul-americanas – incluindo a maior parte da bacia amazônica ao sul do Amazonas e o Brasil centro-oriental – o cachorro tenha origem pós-colombiana, tendo aparecido com a invasão europeia no século XVI, uma cultura material, ainda que modesta, desenvolveu-se para o tratamento desses/com esses seres (SCHWARTZ, 1997). Parte dessas técnicas e tecnologias deve ter sido inspirada nos modos europeus de relação com seus cachorros – como as famigeradas coleiras com agulhas pontiagudas de metal, chamadas carlancas ou carrancas, usadas nos ferozes mastins espanhóis trazidos para as guerras nas Américas (JÍMENEZ, 2011, p. 188). Mas, outras, possivelmente derivam de seus usos tradicionais na interação com os assim chamados *xerimbabos* ou *wild pets*, os animais familiarizados provenientes da fauna neotropical nativa, como primatas, psitacídeos e tantos outros, tão comuns nas aldeias do passado e até os dias de hoje.

É certo, assim, que se os animais têm uma história (DELORT, 1984; THOMAS, 2001[1983]; DIGARD, 1995; DUARTE, 2020), os artefatos a eles vinculados seguramente também têm (CIARLO ET AL., 2011). Mas esses artefatos igualmente têm, ou devem ter, uma etnografia (PERRI, 2024), e o objetivo principal deste artigo é sinalizar para o interessante e potencialmente produtivo campo de investigação dessas peças e dos contextos em que se apresentam e são empregadas. Trata-se de propor estudos mais aprofundados acerca de objetos similares aos que foram denominados de *arquiteturas da domesticação* (ANDERSON ET AL., 2017), mas sugerindo, em consonância com a discussão sobre as relações entre humanos e seres outros-que-humanos nas terras baixas sul-americanas – em que não encontramos a domesticação no seu sentido estrito (FAUSTO; NEVES, 2018) –, um interesse nas materialidades da familiarização.

OBJETOS DE FAMILIARIZAÇÃO

Se os sofisticados artefatos empregados nas atividades de predação de animais, por meio da caça e da pesca (arcos, flechas, zarabatanas, zogaias, redes, armadilhas, venenos e outros) têm recebido bastante atenção nos estudos etnológicos (HEATH; CHIARA, 1977; CHIARA, 1987; TAVARES DE MOURA, 2001; RIVAS RUIZ, 2004; OLIVEIRA, 2016), o mesmo não se pode dizer das agências materiais que mediam relações de familiarização – ou seja, aqueles objetos de variadas naturezas utilizados para entabular relações com os animais familiares no contexto doméstico ou aldeão, raramente mencionados na literatura e, até onde sei, jamais teorizados. Esses artefatos podem ser classificados basicamente em duas categorias: os enfeites e o que podemos denominar de aparelhos de contenção ou restrição de movimentos. Esta caracterização deve ser entendida como provisória, pois aqui não pretendo realizar um estudo tipológico exaustivo de objetos desta natureza. Além disso, certos artefatos podem figurar em mais de uma categoria: uma coleira canina pode ser, claro, tanto um instrumento de restrição como igualmente ser considerada um adorno para o animal – ou seja, simultaneamente uma tecnologia de controle e uma expressão de afeto, o que caracteriza, propriamente, as relações com os animais familiares nas terras baixas sul-americanas (FAUSTO; COSTA, 2022)³.

³ Da mesma forma, seria possível sugerir a pertinência de outras categorias desses objetos, como aqueles que poderíamos denominar de *aparelhos de proteção* – como casinhas de cachorro e galinheiros, por exemplo – destinados a manter os animais familiares (e, sobretudo, seus filhotes) a salvo de potenciais perigos. Os Karitiana costumam construir pequenos galinheiros (em geral de madeira e alambrado) ao lado de suas residências, onde as galinhas passam as noites protegidas de predadores como gambás e pequenos felinos silvestres. As redes de dormir em miniatura tecidas por certos povos para acomodar filhotes de cães (como entre os Waiwai no norte amazônico, segundo HOWARD, 2001, p. 242) também poderiam ser incluídas aqui. O padre Claude d'Aberville já mencionara, em sua obra publicada em 1614, que os Tupinambá no litoral do Maranhão seiscentista construíam “uns leitos altos, acima da terra”, para livrarem os cães do que parecia ser o flagelo dos bichos-de-pé (D'ABEVILLE, 2002 [1614], p. 247).

Enfeites empregados para animais familiares são mencionados já nas crônicas coloniais. O missionário jesuíta João Daniel, que esteve na Amazônia entre 1741 e 1757, anotou, entre os grupos aldeados nos rios Madeira e Tapajós (sobretudo Tupinambarana e Tapajó), que aqueles

estimam muito as verônicas, medalhas e imagens dos santos; mas é pelo lindo delas, e não pelo respeito e devoção que metem; e por isso **muitas vezes enfeitam com elas os seus macacos e cachorrinhos, atando ao pescoço** (...) (DANIEL apud CYPRIANO, 2007, p. 125, meu grifo).

Várias etnografias contemporâneas apontam para a prática de se enfeitar os animais familiares e o emprego de adornos ou adereços por vários povos indígenas como os Pirahã no sul do Amazonas (GONÇALVES, 2001, p. 368), os Karajá na ilha do Bananal (FERREIRA, 1983, p. 226) e os Mamaindê (Nambikwara) no oeste mato-grossense, onde as mulheres mais idosas, sobretudo viúvas, usam fazer colares de miçangas para os filhotes de macacos que “criam como se fossem seus filhos” (MILLER, 2018, p. 72). Em sua etnografia sobre os mukudu (enfeites) entre os Kwazá-Aikanã em Rondônia, Gicèle Sucupira (2024, p. 235) escreve que até mesmo aves (como galos), além de macacos, cães, gatos e outros animais criados, podem usar enfeites, que são, como explica sua interlocutora Inute Tuta, uma “forma de zelar e cuidar dele, ele já vira da família”; assim, diz a autora, “cuidar e tratar bem o outro, é dar mukudu e fazer parente”. Os enfeites também podem vir postumamente, como entre os Mebengokre-Xikrin, que enterram seus cães ornados de plumas (VIDAL, 1977, p. 177, nota 122), ainda que não disponha de informações sobre artefatos plumários confeccionados especificamente para esse destino dos animais.

Assim, se os animais familiares ou de criação “enfeitam as aldeias” ou “as casas” – como dizem os Karitiana (cf. VANDER VELDEN, 2016a), os Kaingang no oeste catarinense (STEFANUTO, 2015, p. 41), os Pitaguary no Ceará (KAGAN, 2015, p. 138-140) e os povos no Uaçá (CASTRO, 2013, p. 90) – e mesmo enfeitam suas donas “*as a type of body art*”, como sustentam os Awá-Guajá (CORMIER, 2003, p. 115-116), eles também podem ser enfeitados. Os Karitiana⁴ apreciam ter seus cães, e alguns gatos, com coleiras ou outros pequenos adereços, alguns deles improvisados, como uma das gatas de Renato, que usava uma pulseira Karitiana (isto é, de uso humano) no pescoço. Embora o emprego de coleiras adquiridas no mercado nos caninos e felinos seja mais comum entre aqueles Karitiana que vivem na cidade, nas aldeias é também possível encontrar animais portando o objeto, alguns nos quais se pode notar uma pura intenção estética ou decorativa, para além de sua potencial função restritiva.

⁴ Os Karitiana (*Yjxa*) são um povo falante de língua classificada no tronco Tupi, família Arikém, que habita sete aldeias no norte do estado de Rondônia. Eles são cerca de 450 pessoas hoje em dia. Desenvolve pesquisas entre eles desde 2003, focalizando, entre outros temas, suas relações com os animais familiares, ou animais “de criação”, como eles denominam (ver VANDER VELDEN, 2012, para mais informações).



Imagens 2 e 3: Cachorro de dona Jacira Karitiana usando coleira de metal e peitoral para guia. Casa do Índio de Rondônia, Porto Velho, 2024. Fotografia de Elivar Karitiana.

No que tange ao que chamei de aparatos de contenção ou restrição de movimentos, são relativamente comuns nos trabalhos etnográficos menções à necessidade de manter presos ou confinados os animais familiares, sobretudo quando recém-capturados, geralmente indivíduos imaturos ou filhotes, e ainda submetidos à fase mais intensa do processo de amansamento (*taming*) e familiarização, momentos em que são propensos a fugir, a comportar-se de modo irrequieto ou a demonstrar reações ou disposições agressivas. A prática de conservar os animais presos aos esteios de casas, pernas de mesa ou quaisquer estruturas fixas ou suficientemente pesadas à disposição foi relatada, por exemplo, entre os Jamamadi (SHIRATORI, 2018, p. 281), que afirmam que “a ação de criar é um processo de estabilização e controle que implica proximidade e retenção/contenção de movimento”; também aparece entre os Kanamari (COSTA, 2017, p. 33) e os Jarawara (MAIZZA, 2012, p. 213), ambos na Amazônia ocidental; Dias (2017, p. 37) relata a presença de quelônios presos pelo pé por barbantes amarrados em troncos ou bancos entre os Gavião Pycop Cati Ji no Maranhão; Álvares (1992, p. 47) menciona que os Maxakali (Minas Gerais) mantêm porcos amarrados ao pé da cama, dentro de suas casas; já Allard (2010, p. 115) comenta sobre a prática Warao (Delta do Orinoco, Venezuela) de se manter aves amarradas nos postes de sustentação das casas. Em sua descrição das residências das moradias dos Avá-Canoeiro em Goiás, Cristhian Teófilo da Silva (2010, p. 173) conta que há aves de várias espécies (gaviões, pombos, maritacas, papagaios e outras) “[a]o longo das paredes que compõem esse espaço, presos a pedras, tocos de madeira ou sabugos de milho, alguns no chão, outros sobre prateleiras improvisadas (...)”, e o mesmo autor faz referência aos pequenos gaviões que os Avá-Canoeiro “mantêm amarrados por barbantes junto a tijolos ou pedaços de madeira” (TEÓFILO DA SILVA, 2010, p. 175, n. 27).

Coleiras podem, ainda, ter outras funções. Em sua etnografia sobre os Ka’apor (Tupi-Guarani) no Maranhão, William Balée (1994, p. 104-105) descreve vários fragmentos de plantas, que ele denomina de *hunting fetishes* e os Ka’apor de *dog-medicine* (*yawa-puhan*, “remédio de cachorro”), que são colocados pelos homens nas coleiras (o autor utiliza os termos *collar* e *necklace* em inglês, talvez descrevendo artefatos distintos) dos seus cães de caça. Esses fragmentos, em geral pequenos pedaços de madeira ou flores, às vezes enrolados em pedaços de tecido, são utilizados para tornar os animais bons caçadores de determinadas presas associadas (sobretudo pelo odor) às plantas utilizadas nesta prática. Talvez o “colar para cachorro de espinhos de porco-espinho” produzido pelos Ka’apor, e que é parte do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (Acervo do MAE: IV. 936; o curioso objeto está reproduzido em Pérez Gil & Carid Naveira, 2016, p. 29), cumpra função similar: a de transferir para os cães a proteção espinhosa de que se valem os porcos-espinhos, uma vez que são, de acordo com os dois autores, “objetos que transformam corpos”.

Os exemplos trazidos por William Balée entre os Ka’apor chamam a atenção para um dado importante: estou empregando a noção de “enfeite” seguindo os termos empregados pelo(a)s etnógrafo(a)s que estudaram ou

fizeram referência ao tema. Uma oposição, portanto, entre os objetos que enfeitam e aqueles que restringem ou contêm os animais familiares revela-se caudatária de um modo de perceber os corpos que talvez não faça plena justiça às teorias ameríndias da corporalidade. Isso porque, como se sabe, o que chamamos comumente de decoração ou ornamentação corporal nas terras baixas sul-americanas (cocares, braçadeiras, brincos, pintura corporal, tatuagens, escarificações e muitas outras técnicas e tecnologias) é mais do que simplesmente enfeite ou adorno, na nossa acepção restrita: tratam-se de modos de composição ou de construção de corpos (LAGROU; VAN VELTHEM, 2018) – como disse Eduardo Viveiros de Castro (2016), o corpo humano nu não existe nessa região etnográfica, pois “o índio nunca está nu”. Assim sendo, os artefatos de contenção e aqueles de ornamentação podem estar a cumprir uma só e mesma função, a saber, produzir os corpos dos animais, o que é frequentemente expresso no caso específico dos cachorros de caça, que são “feitos” muito mais do que treinados ou habituados (MEDRANO, 2016; VANDER VELDEN, 2016b; VUTOVA, 2021). Há toda uma plethora de coisas⁵ – sobretudo plantas e artrópodes peçonhentos, como vespas, abelhas e formigas, além da própria carne e fragmentos de pele, couro, órgãos e pelos das presas animais desejadas – empregadas na feitura de cachorros caçadores ou no incremento de sua ferocidade, faro, resistência e eficácia (ver VANDER VELDEN, 2022, para um conjunto de referências sobre tais práticas), coisas que, igualmente, poderiam estar incluídas aqui como materialidades da relação entre povos indígenas e cães, e que, de certo modo, confundem qualquer ímpeto de separar o que é afeto e o que é controle na produção de corpos animais por meio de materiais, artefatos ou coisas. Destarte, objetos de contenção ou restrição podem ser também pensados como veículos de certas modalidades de cuidado, se considerarmos seu papel na produção de corpos (animais, neste caso) dotados de eficiência.

Mas, seguindo com os aparatos, atadas à cordames ou guias, coleiras também podem ser usadas na condução dos animais familiares – também, penso, uma modalidade de controle de seus movimentos –, hábito comum entre os povos indígenas quando se deslocam temporária ou permanentemente. Prática antiga, como aponta o viajante alemão Joan Nieuhof que, à serviço da Dutch West India Company (WIC) no Brasil holandês entre 1640 e 1649, ilustrou uma “mulher brasileira” e que, “leva um papagaio ou macaco empoleirado na mão e puxa um cachorro atado a um cordel” (NIEUHOF, 1942[1682], p. 311-312).

⁵ Uso o termo *coisas* aqui no sentido mobilizado por Daniell Miller (2013).



Imagen 4: Joan Nieuhof, “Homem e mulher brasileiros” (detalhe). Extraído de NIEUHOF, 1942[1682], sem paginação.

Se não estão presos por cordas e amarras, às vezes ligadas às coleiras, os xerimbabos (neste caso, sobretudo aves) podem estar confinados em gaiolas, cercados, caixas ou artefatos restritivos similares. Henry Manizer (2006, p. 34), por exemplo, viu gaiolas para pássaros vivos entre os Kaingang paulistas no início do século XX; Alfred Métraux (2012[1928], p. 211-212), com base em informações coletadas por Hans Staden, Yves D’Evreux e Georg Margrave, afirma que os Tupinambá na costa brasileira do século XVI criaram guarás (*Ibis rubra*, dos quais extraíam as valiosas penas vermelhas) em viveiros; já os Soroahã (no oeste amazônico) confeccionam gaiolas de palha trançada para prender macacos, segundo Kroemer (1994, p. 166). Em todos esses casos de controle da circulação irrestrita dos animais, seja por intermédio de coleiras, cordas ou gaiolas, a “linha que liga implica não só restrição de movimento, mas também cuidado, pois o objetivo é manter aqueles que são criados sob os olhos constantes de seus criadores”, como assevera Fausto e Costa (2022, p. 9), mais uma vez apostando na combinação entre *afeto* e *controle* nas interações com xerimbabos na América do Sul indígena.

Entre os Karitiana, é comum que filhotes de quatis e de macacos-prego – animais sumamente ativos, inquietos e arruaceiros, além de potencialmente perigosos por conta de seus caninos afiados – permaneçam contidos por cordas no pescoço, presas aos esteios das residências. Animais adultos em geral têm seus movimentos restringidos por meio do uso de gaiolas, algumas fabricadas de madeira pelos próprios Karitiana, outras de metal adquiridas no comércio urbano. Filhotes de aves e mesmo cachorrinhos também podem ser contidos no interior de cestos de palha confeccionados para outras finalidades. Entretanto, nunca

observei cães e gatos adultos presos por coleiras, fios ou cordas e nem contidos por gaiolas ou outras estruturas de confinamento entre os Karitiana.

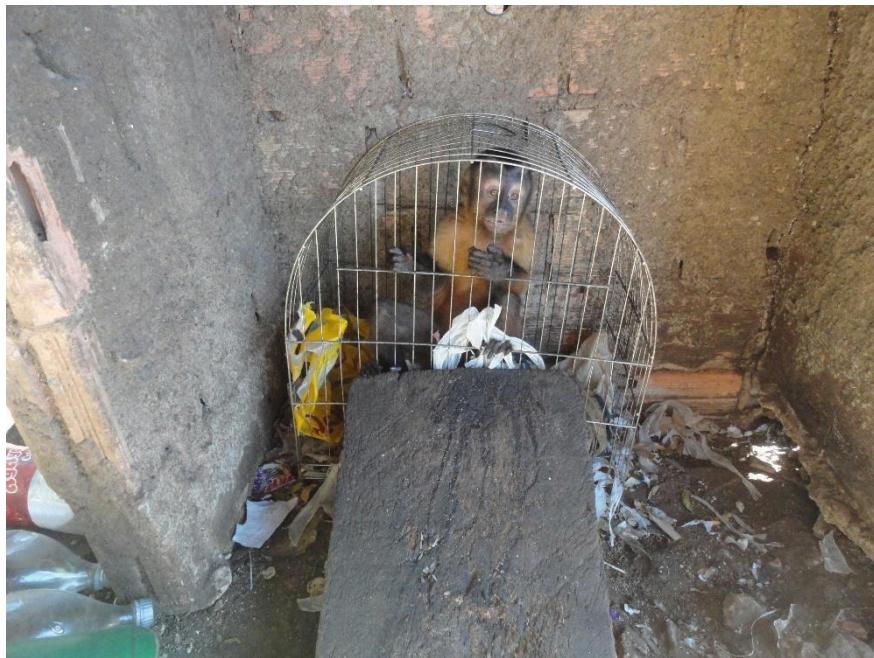


Imagem 5: Macaco-prego Karitiana preso em uma gaiola de metal geralmente empregada para aves de pequeno porte. Porto Velho, 2015. Foto do autor.

Verifica-se, portanto, a existência de toda uma gama de objetos utilizados nas interações com os animais familiares tanto nativos como introduzidos, que parecem ser parte integral dos processos indígenas de familiarização, ou seja, de incorporação desses seres ao cotidiano das aldeias e ao convívio (idealmente pacífico) com seres humanos. Em muitos casos, tratam-se de artefatos produzidos para outros fins que são adaptados às necessidades da relação com os xerimbabos: um cesto cargueiro, um pedaço de barbante, uma caixa, o esteio de uma residência. Em outros casos, os objetos são confeccionados especificamente para o propósito de lidar com os animais, apresentando formas funcionais singulares e, inclusive, um esmero estético inusual, como veremos na sequência.

DOIS OBJETOS AMERÍNDIOS PARA LIDAR COM CACHORROS

Nesta seção, gostaria de apresentar e discutir dois curiosos objetos utilizados por duas sociedades indígenas distantes e distintas entre si, e que ilustram a riqueza ainda praticamente desconhecida dos sistemas de objetos – o que estou chamando de objetos da familiarização – utilizados, nas terras baixas da América do Sul, para as interações com os cachorros

domésticos. Ambos os objetos fazem parte do acervo etnológico do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), na cidade de Belém, Pará⁶.



Imagen 6: “Coleira para cachorro”, povo indígena Tiriyó. Coleção Etnográfica - MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi (nº 8313). Foto do autor.

A Coleira para cachorro Tiriyó

Como vimos, coleiras podem servir apenas para ornamentação ou enfeite, como parece ser o caso entre os Karitiana e outros povos indígenas, que usualmente não prendem ou restringem esses animais, que circulam livremente pelas aldeias. Mas coleiras também podem, obviamente, funcionar como aparatos de contenção ou restrição (e também de condução, que pode ser pensada também como forma de contenção, em certos casos), quando se faz necessário, como no caso de animais ferozes ou muito irrequietos.

Acondicionada na Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi sob o número 8313 no livro de tombo, está uma “Coleira para cachorro (*kaiku-tara*)”, assim descrita na continuação do texto do inventário: “Índios Tirió grupo Aramagoto (Aramayana). Coletado por

⁶ Uso o termo coisa mobilizado por Daniell Miller (2013)

Protásio Frikel no rio Parú do Oeste no segundo semestre de 1958 e doado ao Museu em 1959”⁷.



Imagem 7: “Coleira para cachorro”, povo indígena Tiriyó. Coleção Etnográfica - MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi (nº 8313), Foto do autor.

Trata-se de uma vara de madeira dura de aproximadamente 33 centímetros, dotada de entalhes nas duas extremidades e guarnevida por duas cordas de fibra vegetal (provavelmente curauá, *Ananas erectifolius*) presas em cada ponta e enroladas no bastão (razão pela qual não puderam ser medidas). Sobre a confecção, características e uso, contamos com a descrição do mesmo Frikel (1973, p. 157-158) – que denomina peças similares como “paus de segurar cachorros ou cambões” –, que vale a pena reproduzir integralmente:

A sua confecção é trabalho dos homens. Trata-se de um aparelho para segurar o animal, um instrumento tripartido, ao qual o cachorro é amarrado. Consiste num pau em cujas pontas se acham as cordas. A vara, com 15 a 30 cm de comprimento, normalmente é fabricada de madeira dura de âmago ou de pau d’árco, e recortada ao redor das pontas para o apoio das cordas. Passa-se o fio de um dos lados pelo pescoço do animal. A corda do outro lado serve para a amarração num poste ou esteio de casa, conforme as circunstâncias. Os fios são tanto de algodão como de curauá. A vareta interposta tem a finalidade de manter animais bravos à segura distância para não morderem quando são conduzidos. O nome deste pau de segurar cachorros é kaykwítara.

⁷ Os Tiriyó (Taréno) são um povo de língua Karib que habita o Parque Indígena do Tumucumaque, no extremo norte do estado do Pará, além da região meridional do vizinho Suriname. Em 2020 eram cerca de 2000 pessoas no Brasil (GRUPIONI, 2021).

Frikel fornece, ainda, os “termos técnicos” associados ao artefato, por meio do qual percebemos que sua denominação, *kaykwítara* (“coleira, aparelho de segurar, cambão”), traduz-se literalmente como “vara” (*itára*) de “cachorro” (*kaykwi*), e suas partes são constituídas da “corda para amarrar o animal” (*kaykwí ewáhtato*) e da “corda para amarração no esteio” (*épu ewáhtato*). Todos esses dados confirmam a confecção do objeto especificamente para o emprego na interação com cachorros considerados ferozes, muito provavelmente os melhores cães de caça entre os Tiriyó.

Apesar das controvérsias que ainda envolvem a presença pré-Colombiana do cachorro doméstico no escudo das Guianas, no extremo norte da América do Sul (SCHWARTZ, 1997, p. 40-45, 172; MITCHELL, 2017), é fato que esses animais eram (e em certos casos ainda são) extremamente valorizados pelos povos indígenas na região, especialmente cães de caça treinados, que constituem um dos itens privilegiados nos extensos circuitos de troca que conectam grupos espalhados pela zona ao norte do rio Amazonas que vai dos rios Orinoco e Negro ao litoral atlântico do atual estado do Amapá, e incluía, em tempos passados, também as Antilhas (BUTT-COLSON, 1973; BARBOSA, 2005; LAFFOON ET AL., 2013; BÜLL, 2018). Não é fortuito, assim sendo, que as sociedades nesta parte do continente tenham desenvolvido uma rica cultura material associada aos cachorros, que incluía, por exemplo, como plataformas (chamadas “bancos” ou “assentos”) para acomodar cães, abrigos (tanto permanentes como temporários, estes últimos erguidos quando de expedições de caça e pesca na floresta), esculturas e mesmo talas e bandagens para a cura de membros feridos, como mostram vários estudos detalhados (ROTH, 1924, p. 552-555; YDE, 1965, p. 117-120; FRIKEL, 1973). Lamentavelmente, o interesse nesses curiosos objetos parece ter desaparecido nas etnografias contemporâneas dos povos majoritariamente Karib e Aruak nesta região.

Não obstante, por outro lado, coleiras, cambões e cordas para cães são mencionados em várias dessas etnografias. Catherine Howard (2001, p. 242-243), por exemplo, observou entre os Waiwai (outro povo de língua Karib vizinhos dos Tiriyó) que cachorros de caça – entre três e dez por residência – eram mantidos amarrados (*tethered*) sobre plataformas suspensas alinhadas às paredes, onde permaneciam a maior parte do tempo, o que os conservava à salvo de sujeira e de parasitas. Jens Yde (1965, p. 118), em sua etnografia também entre os Waiwai, traz a imagem de uma *dog string*, uma “coleira” ou “cambão” (como denomina Frikel) Waiwai muito semelhante àquela que estudei no acervo do MPEG:

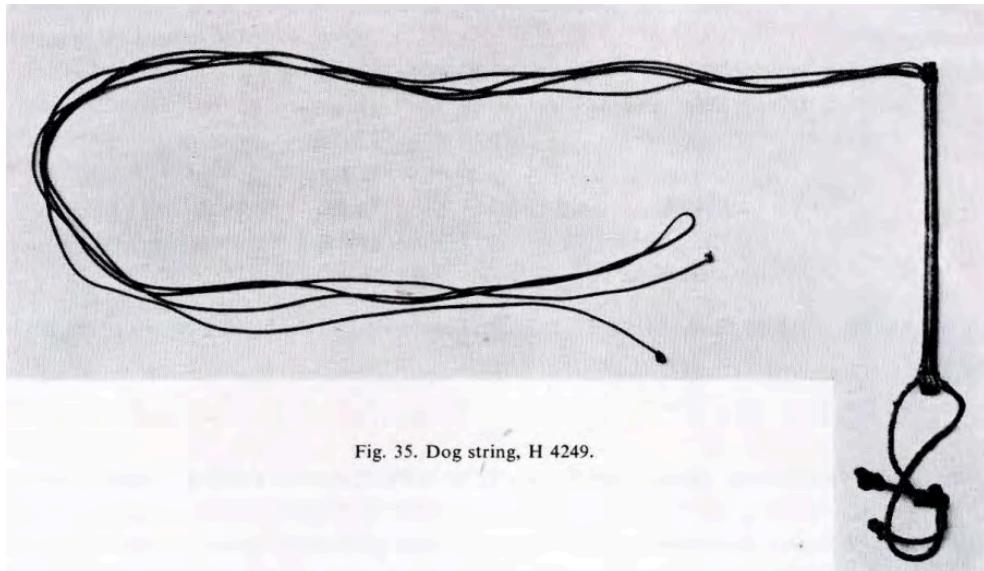


Fig. 35. Dog string, H 4249.

Imagen 8: *Dog string*, povo indígena Waiwai. Imagem extraída de YDE, 1965, p. 118.

O etnógrafo dinamarquês oferece, ele também, uma breve descrição das características formais e do emprego de tais singulares objetos:

All along the wall of the house there is a dog shelf shapáriyapón (shapári, dog; apón, stool, seat) where the dogs are kept, each tied with a string shapárimorín to the horizontal laths of the roof behind them a little above the shelf. The dog tether consists of a stick of hard wood, usually made from a piece of a discarded bow, with two short strings at one end which are tied round the neck of the dog, whereas longer strings at the other end are tied to the lath. The stick prevents the dog from chewing the strings and thereby breaking loose.

Compreende-se aqui o objetivo que explica o formato um tanto incomum destes artefatos – não apenas uma corda para prender o animal a uma estrutura fixa, mas duas cordas conectadas a uma vara de madeira: para evitar que o cão, amarrado, logre morder as cordas e então se livrar das amarras. Stanley Brock (1972) descreveu o uso dessas coleiras em uma aldeia Waiwai no sul da Guiana, destacando a mesma utilidade dessas peças empregadas para conter os cães de caça:

Wooden rods 15 inches in length were attached directly to their collars while the other end was connected to a rawhide lead. The wood prevented the animal from getting free by chewing its way through the hide

O mesmo autor fotografou a coleira em uso, e na mesma imagem é possível também visualizar uma das plataformas de madeira e bambu sobre a qual ficavam os cães, situadas nas bordas das residências.



Imagen 9: "The WaiWai hunting dogs are tethered on a raised platform". Imagem extraída de BROCK, 1972, s/n.

Brock afirma que os cães nesta região da Amazônia são animais ferozes (*extremely bad tempered*, são seus termos) e, de fato, além de serem bens altamente valorizados nos vastos circuitos de trocas regionais, esses animais são caçadores grandemente eficientes. Peter Rivière (1969, p. 44) afirma que aproximadamente metade das presas terrestres abatidas pelos Trio (Tiriyó) são na realidade mortas pelos cachorros treinados para caçar. Temos, então, o exemplo de um artefato confeccionado especificamente para o controle dos cachorros, testemunho não só do valor e da importância atribuída a esses animais na região setentrional da América do Sul como, igualmente, da engenhosidade indígena no que se refere ao desenho de eficientes tecnologias (objetos) de familiarização.

A borduna de espantar cachorro Canela

O segundo artefato de que trata este artigo é bastante insólito, ainda que possa ser igualmente concebido como uma ferramenta para restrição da movimentação dos cachorros, ainda que de um modo assaz distinto do que foi apresentado acima. Partindo para o Brasil Central, área etnográfica completamente diversa da anteriormente discutida, localizamos, na mesma Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio

Goeldi investigada, com número de tombo 11.178, uma inusual e surpreendente “borduna pequena para bater em cães”.



Imagen 10: “Borduna pequena para bater em cães”, povo indígena Rankokamekra-Canela. Coleção Etnográfica - MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi (nº 11.178). Foto do autor.



Imagen 11: “Borduna pequena para bater em cães”, povo indígena Rankokamekra-Canela. Coleção Etnográfica - MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi (nº 11.178), detalhe. Foto do autor.



Imagen 12: “Borduna pequena para bater em cães”, povo indígena Rankokamekra-Canela. Coleção Etnográfica - MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi (nº 11.178). Foto do autor.

A descrição completa desta peça, no Livro sétimo dos registros da Coleção Etnográfica do MPEG, incluída na Coleção William Crocker, é a que segue:

Borduna pequena para bater em cães, usada por qualquer homem, especialmente os “conselheiros”. Feita de madeira “pau roxo”, espatulada, secção romboédrica com entalhes no terço inferior, medindo 0,65 m, tendo na empunhadura palha trançada em marrom-beije, formando desenhos[,] com enrolamentos de fios de algodão nas extremidades da mesma. Pingentes de palha - 66 cm (*k'otáa-le*). Rankokamekra. Aldeia Sardinha. Barra do Corda/MA.

A peça foi destinada ao acervo do museu pelo etnólogo William Crocker, o principal etnógrafo dos Canela (CROCKER, 1990; CROCKER & CROCKER, 2009), em 1964. Na descrição consta que se trata de objeto oriundo de um dos grupos Timbira Orientais conhecidos como Canela, os Rankokamekrá (o outro é chamado de Canela Apanyekrá), que hoje em dia habitam a Terra Indígena Canela, situada no município maranhense de Fernando Falcão, em área de cerrado centro-brasileiro; eles são pouco mais de 2100 pessoas, e falam uma língua da família Jê, do tronco Macro-Jê (CROCKER, 2021). O texto também fornece o nome do objeto na língua indígena, *k'otáa-le*, em que *k'otáa* parece traduzir-se por “bastão, cacete ou borduna” (*cô* em ABREU, 1931, p. 201; *kötýou ku* na língua Apanyekrá em ALVES, 2004, p. 173). O termo parece ser de uso genérico para borduna, hoje grafado *kôtare* (BARROS, 2018, p. 109).

Cães domésticos eram muito provavelmente ausentes desta porção das terras baixas sul-americanas antes da invasão europeia (LOWIE, 1963, p. 482), que nesta região teve seu início no século XVII, ainda que existam narrativas míticas entre certos povos Jê que informam sobre a presença de cachorros desde os tempos antigos (ver WILBERT; SIMONEAU, 1978, p. 318-324, para uma pequena coleção de mitos Kayapó-Mebengokre). Não obstante, os cachorros são comuns nas aldeias Timbira hoje em dia, como já eram na década de 1930, conforme Curt Nimuendajú (1946, p. 75) em sua notícia sobre os cães na aldeia do Ponto:

Nowadays every Ponto household has at least two dogs. The breed is mostly characterized by medium size and short hair, a pointed snout, and large erect ears with projecting tips. They are not badly treated, generally receiving some food after the owner's meal. Special attention is devoted to pregnant and suckling bitches; when they are about to give birth, their owners sometimes rig up old mats into a regular confinement cell for them in a corner of the house. Good hunting dogs are rare; nor are their animals particularly violent or given to biting even though they dutifully yelp at every stranger. Since they are hardly ever beaten, they are insolent and forward toward their masters. I have often admired the patience of many an Indian, who while at his meal would again and again push away his importunate dogs with a cautious movement of his hand as though he were dealing with a child. When hard put to it, a native will threaten the dog with a stick, which, however, almost always is deliberately made to strike the ground beside the beast.

É curioso como a descrição de Nimuendajú – que, como se pode conferir acima, menciona um bastão, vara ou pau (*stick*) empregado para afastar cães inoportunos e insistentes – contrasta vivamente com o que viu Crocker (1990, p. 97) sobre os cachorros entre os Rankokamekrá, trinta anos depois do etnólogo teuto-brasileiro, quando parecem ter passado a sofrer bastante nas mãos de seus companheiros humanos:

Most families have dogs, which are used to track and kill wounded game. Dogs are abused and kept hungry in order to make them courageous enough to kill. These dogs know not to come up to an individual to be petted, for such attention might attract a beating or at least a stone.

Assim sendo, os cães deviam se constituir, vez por outra, em presenças incômodas – tal como relatado entre vários povos, entre os quais a espécie, ambígua por excelência, é considerada suja, promíscua, incestuosa e possuidora de péssimos hábitos, como alimentar-se de dejetos, morder pessoas incautas e roubar comida (VILLAR, 2005). Talvez por isso os Rankokamekrá tenham desenvolvido uma arma especificamente para afastar a eventual aporrinhação desses animais – como faziam, segundo Crocker, normalmente, usando golpes e pedras –, sobretudo nas reuniões do conselho dos velhos ou anciãos (*Council of Elders*, ou

Pro-khām-mā, na língua indígena), eventos de grande importância política nos quais, duas vezes ao dia, de manhã e de tarde, os homens de mais de 45 anos se reúnem no centro do pátio da aldeia para discutir as soluções de controvérsias familiares e outras questões de interesse público (CROCKER, 1990, p. 220-227; CROCKER & CROCKER, 2009, p. 168-171). Como o centro do pátio da aldeia é um “lugar sagrado” (CROCKER & CROCKER, 2009, p. 170), comprehende-se porque os cães, sujos, famélicos, esquálidos, violentados e pouco tolerados, como se viu, pelos Canela – ainda que sejam grandes e frequentes auxiliares na caça (ver NASCIMENTO, 2016, p. 169, sobre a caça com cães entre os Canela Apāniekra) – são figuras indesejadas ali, e a razão pela qual, pode-se sustentar, fabrica-se um instrumento destinado singularmente a afastá-los. De todo modo, a experiência de ter de tomar um pedaço de pau para defender-se de cães agressivos não é incomum, tanto entre moradores das aldeias, quanto de antropólogo(a)s em pesquisa de campo (BLANC, 2021).

De fato, bordunas são armas de guerra características dos povos da família linguística Jê e, entre os Canela, a “*distinctive weapon*” é uma “*two-edged sword club equally fit for thrusting and striking*” (LOWIE, 1963, p. 498). Berta Ribeiro (1988, p. 220) denomina a borduna Canela-Rankokamekra de “borduna cuneiforme espatulada”, uma “arma contundente de madeira dura, com a metade inferior recurvada, arestas agudas e secção reta transversal cuneiforme”, que ilustra em seu conhecido Dicionário do artesanato indígena:



Imagen 13: “Borduna cuneiforme espatulada. Índios Canela-Rankokamekra, M.N. nº. 38.315. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo e do início da espátula. C. Secção reta transversal cuneiforme”. Extraído de RIBEIRO, 1988, p. 220.

Entretanto, o acervo do Museu dos Povos Indígenas, no Rio de Janeiro, dispõe de uma coleção de peças denominadas como “Clava retangular” Canela ou Kanela (ver MOTTA, 2006, p. 212) que são bastante similares a esta peça em análise, ainda que não tenha obtido mais informações sobre usos específicos.



Imagen 14: “Clava retangular – Kanela-MA”. Extraído de MOTTA, 2006, p. 212.

Embora essas armas possam ser eventualmente utilizadas para outros propósitos que não o combate, como para cavar a terra ou como apoio em caminhadas por terrenos difíceis (RIBEIRO, 1988, p. 218), aqui temos o que parece ser uma especialização técnica. Isso porque a borduna de guerra Canela (ilustrada acima, medindo 114 cm) é um objeto distinto desta pequena borduna aqui analisada (que mede apenas 66 cm), especificamente desenhada, segundo as informações veiculadas por seu coletor, para um propósito específico, que é a de agredir para espantar cães inoportunos – talvez a redução no comprimento da peça tenha buscado justamente esta incomum função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo busca ser basicamente um convite para novas pesquisas que se debrucem sobre artefatos ou aparatos singulares que mediam as interações entre humanos e cachorros (e, claro, outros animais familiares ou de criação) em contextos etnográficos não urbanos ou não ocidentais, no que podemos denominar de estudos sobre as materialidades da familiarização. Se é verdade que a quantidade e variedade de objetos (além de tecnologias e serviços) disponíveis para os pets ou animais de companhia/estimação nas sociedades industriais contemporâneas impressiona, não é menos verdadeiro que objetos similares, ou com funções análogas, também estejam presentes em outros lugares – como nas terras baixas da América do Sul, solo etnográfico que me interessa –, ainda que em formas e número muito mais modestos. Trata-se, pois, de investir no estudo detalhado de famílias de objetos relacionados ao tratamento, aos cuidados ou mesmo ao controle de cães e outros animais familiares ou familiarizados em distintos contextos etnográficos ameríndios – ou seja, de abordar a domesticidade ou a familiarização em objetos ou, no caso de coleções de museus, e seguindo a sugestão de Caroline Caromano (2020), da “domesticidade musealizada” ou da domesticidade/familiarização “como cultura material”.

Tais artefatos e as técnicas para sua concepção, confecção e uso ainda são virtualmente inexplorados pelos estudos sobre relações humano-animais e pela etnologia indígena – tanto que artefatos ligados aos xerimbabos estão ausentes do principal volume dedicado às artes e tecnologias materiais indígenas no Brasil (RIBEIRO, 1988). A análise desses objetos, para além da constituição de (algo defasados) inventários de cultura material, pode concorrer com ideias e insights renovados e

frutíferos no caminho para a compreensão das formas de relação entre humanos e animais familiarizados (a chamada pet keeping) nos territórios e aldeias indígenas, temática que já ocupa a etnologia há tempos e que vem se mostrando, na minha opinião, uma das vertentes de pesquisa teoricamente mais movimentadas e inovadoras, ao permitir repensar questões centrais aos mundos ameríndios, como os temas do poder político, da construção da pessoa, do parentesco e da própria história do continente americano, neste último caso por meio do diálogo profícuo com a Arqueologia e com a proposta de pensar em “familiarização” – ou de repensar a “domesticção” – para investigar as paisagens e as estratégias produtivas, entre outros assuntos, nas terras baixas sul-americanas (ERIKSON, 2012; VANDER VELDEN, 2012; COSTA, 2017; FAUSTO; NEVES, 2018; COSTA; FAUSTO, 2019; NEVES; HECKENBERGER, 2019).

Se os seres humanos são feitos de ou por meio de coisas, objetos, artefatos ou materiais, que nos cercam de todos os lados e nos constituem como pessoas, os animais – eles, que também, por sua vez, estão por toda parte – claramente também o são: assim como nós, os seres outros-que-humanos estão igualmente cercados por materialidades diversas com as quais têm de se engajar para viver e prosperar em contextos compartilhados com outros entes, seja em áreas urbanas, zonas rurais ou nas aldeias indígenas mundo afora. Objetos, assim, constituem as interações entre humanos e outros-que-humanos, além de serem também coproduzidos nessas mesmas interações, de modo a possibilitar o estabelecimento e a manutenção de relações materialmente adequadas para a vida em comum, o que, em larga medida, determina as condições de existência dos animais, assim como o fazem em relação às nossas próprias existências humanas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Leandra Holz, Caroline Caromano, Andréa Osório, Alicia Muñoz e Laís Alves Peixoto pelas atentas e generosas leituras, sugestões e correções a esse artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Silvio Froés. **Na terra das palmeiras.** Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

ALLARD, Olivier. (2010). **Morality and emotion in the dynamics of an Amerindian society (Warao, Orinoco Delta, Venezuela).** 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Cambridge, Cambridge, UK, 2010.

ÁLVARES, Miriam. (1992). **Yämiy, os espíritos do canto:** a construção da pessoa na sociedade Maxakali. 1992. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UNICAMP, Campinas, SP, 1992.

ALVES, Flávia de Castro. (2004). **O Timbira falado pelos Canela Apãnyekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê.** 2004. 177 f. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, SP, 2004.

ANDERSON, David; LOOVERS, Jan Peter; SCHROER, Sara; WISHART, Robert. *Architectures of domestication: on emplacing human-animal relations in the North.* **Journal of the Royal Anthropological Institute (N. S.)**, London, v. 23, p. 398-418, 2017.

BALDUS, Herbert. **Tapirapé, tribo Tupí no Brasil Central.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BALÉE, William. **Footprints in the forest. Ka'apor ethnobotany – the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people.** New York: Columbia University Press, 1994.

BARBOSA, Gabriel Coutinho. Das trocas de bens. In GALLOIS, Dominique (org.). **Redes de relações nas Guianas.** São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005, p. 59-111.

BARROS, Nilvânia M. Amorim de. (2018). **Os Canela-Rankokamekrá, sentidos e mediação através das relações com seus objetos.** 2018. 202 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFPE, Recife, PE, 2018.

BLANC, Fernando Paniagua. 2021. *Almas extrañas: el perro entre los waorani de la Amazonía ecuatoriana. Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2021, <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.84603>.

BROCK, Stanley. **Jungle cowboy.** New York: Taplinger Publishing Company, 1972.

BÜLL, Paulo. (2018). **Um jaguar auxiliar: índios e cães na Amazônia indígena.** 2018. 122f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – MN/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

BUTT-COLSON, Audrey. *Inter-tribal trade in the Guyana highlands. Antropológica, Caracas*, v. 34, p. 5-69, 1973.

CALMON DE OLIVEIRA, Samantha. (2006). **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção.** 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

CAROMANO, Caroline. *Some ugly things that nobody studies: provocations about fire as a museum object.* **Indiana**, Berlin, v. 37, n. 2, p. 147-169, 2020.

CASTRO, Esther de (org.). **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque.** São Paulo: IEPÉ, 2013.

CHIARA, Vilma. **Armas: bases para uma classificação.** In: RIBEIRO, Berta (org.). **Suma etnológica brasileira:** volume 2 – Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes/Finep, 1987, p. 117-137.

Ciarlo, Nicolás; DE ROSA, Horacio; ELKIN, Dolores; DUNNING, Phil. *Evidence of use and reuse of a dog collar from the sloop of war HMS Swift (1770), Puerto Deseado (Argentina).* **Technical Briefs in Historical Archaeology**, v. 6, p. 20-27, 2011.

CORMIER, Loretta. **Kinship with monkeys: the Guajá foragers of Eastern Amazonia.** New York: Columbia University Press, 2003.

COSTA, Luiz. **The owners of kinship: asymmetrical relations in Indigenous Amazonia.** Chicago: HAU Books, 2017.

COSTA, Luiz; FAUSTO, Carlos. *The enemy, the unwilling guest and the jaguar host: an Amazonian story.* **L'Homme**, Paris, n. 231-232, p. 195-226, 2018.

CROCKER, William. *The Canela (Eastern Timbira), In: An ethnographic introduction.* Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

CROCKER, William. **Canela Rankokamekrá. Povos Indígenas no Brasil.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2021, disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Ramkokamekr%C3%A1#L.C3.ADngua. Acesso em 03 out. 2024.

CROCKER, William; CROCKER, Jean. **Os Canelas:** parentesco, ritual e sexo em uma tribo da Chapada Maranhense. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2009.

CYPRIANO, Doris C. de Araújo. **Almas, corpos e especiarias:** a expansão colonial nos rios Tapajós e Madeira. Pesquisas – Instituto Anchietano de Pesquisas, Antropologia, São Leopoldo, n. 65, p. 1-170, 2007.

D'ABEVILLE, Padre Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças.** São Paulo: Editora Siciliano, 2002 [1614].

DELORT, Robert. **Les animaux ont une histoire.** Paris: Seuil, 1984.

DIAS, Luciana de Oliveira (org.). 2017. ***Pyhcop Cati Ji Jõ Pjí:*** Território Gavião – MA. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

DIGARD, Jean-Pierre. *Cheval, mon amour: sports équestres et sensibilités ‘animalitaires’ en France.* **Terrain**, Paris, v. 25, p. 49-60, 1995.

DUARTE, Regina Horta. **Aliança e submissão, extinções e resiliências:** caminhos entrecruzados da sociedade brasileira e animais. Brésil(s), Paris, n. 3, p. 1-12, 2020. <https://doi.org/10.4000/bresils.8867>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ERIKSON, Philippe. Animais demais...: os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas). **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 15-32, 2012.

FAUSTO, Carlos; NEVES, Eduardo G. **Was there ever a Neolithic in the Neotropics? Plant familiarization and biodiversity in the Amazon.** *Antiquity*, v. 92, n. 366, p. 1604-1618, 2018.

FAUSTO, Carlos; COSTA, Luiz. Afinidades e diferenças: algumas considerações sobre a política da consideração (parte 2). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 1-33, 2022.

FERREIRA, Dante Martins. Um estudo da etnozoologia Karajá: o exemplo das máscaras de Aruanã. In: RIBEIRO, Berta (e outros). **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1983, p. 213-232.

FRIKEL, Protásio. **Os Tiriyó:** seu sistema adaptativo. Hannover: Komissionsverlag Münstermann-Druck KG, 1973.

GONÇALVES, Marco Antônio. **O mundo inacabado:** ação e criação em uma cosmologia Amazônica. Etnografia Pirahã. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

GRUPIONI, Denise. **Tiriyó. Povos Indígenas no Brasil.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2021 disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tiri%C3%A3>. Acesso em: 03 out. 2024.

HEATH, E. G.; CHIARA, Vilma. **Brazilian Indian archery: a preliminary ethno-toxological study of the archery of the Brazilian Indians.** Manchester: The Simon Archery Foundation, 1977.

HERMANN, Luc. **Dogs on a leash in rock art from Saimaluu-Tash in Kyrgyzstan.** Adoranten, Gothenburg, n. 2019, p. 115-122, 2019.

HOWARD, Catherine. (2001). **Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of Northern Amazonia.**

2001, 575 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Chicago, Chicago, IL, 2001.

JÍMENEZ, Alfredo Bueno. *Los perros en la conquista de América: historia y iconografía. Chronica Nova*, Granada, n. 37, p. 177-204, 2011.

KAGAN, Cinthia Moreira de Carvalho. (2015). *Les indiens Pitaguary et leurs chiens: une communauté hybride?* 2015. 390f. Tese (Doutorado em Antropologia), Université Sorbonne Nouvelle – Paris III/IHEAL, Paris, França, 2015.

KROEMER, Gunter. **Kunahã Made – O povo do veneno:** sociedade e cultura do povo Zuruahá. Belém: Edições Mensageiro, 1994.

KULICK, Don. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 481-508, 2009.

LAFFOON, Jason; PLOMP, Esther; DAVIES, Garret; HOOGLAND, Menno; HOFMANN, Corine. *The movement and exchange of dogs in the prehistoric Caribbean: an isotopic investigation. International Journal of Osteoarchaeology*, Hanover, v. 25, p. 454-465, 2013.

LAGROU, Els; VAN VELTHEM, Lucia H. **As artes indígenas:** olhares cruzados. *BIB*, n. 87, p. 133-156, 2018.

LOWIE, Robert. *The Northwestern and Central Ge.* In: STEWARD, Julian (ed.). **Handbook of South American Indians** – volume 1: *the marginal tribes.* New York: Cooper Square Publishers, Inc., 1963, pp. 477-520.

MAIZZA, Fabiana. **Cosmografia de um mundo perigoso:** espaço e relações de afinidade entre os Jarawara da Amazônia. São Paulo: EDUSP, 2012.

MANIZER, Henrich H. **Os Kaingang de São Paulo.** Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2006[1930].

MEDRANO, Celeste. *Hacer a un perro: relaciones entre los Qon del Gran Chaco argentino y sus compañeros animales de caza.* **Anthropos**, Berlin, n. 111, p. 113-125, 2016.

MÉTRAUX, Alfred. **A civilização material das tribos Tupi-Guarani.** Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2012[1928].

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Joana. **As coisas: os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara).** Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2018.

MITCHELL, Peter. *Disease: A Hitherto Unexplored Constraint on the Spread of Dogs (*Canis lupus familiaris*) in Pre-Columbian South America.* ***Journal World Pre-history***, v. 30 n. 1, p. 301-349, 2017.

MOTTA, Dilza Fonseca da (org.). **Tesouro de cultura material dos índios do Brasil.** Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Sousa do. **Prwncwyj: drama social e resolução de conflito entre os Apāniekra Jê-Timbira.** Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

NEVES, Eduardo; HECKENBERGER, Michael. *The call of the wild: rethinking food production in ancient Amazonia.* ***Annual Review of Anthropology***, v. 48, p. 371-388, 2019.

NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil.** São Paulo: Livraria Martins, 1942 [1682].

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Eastern Timbira.** Berkeley: University of California Press, 1946.

OLIVEIRA, Tiago. Interfaces híbridas: armas e armadilhas de caça e pesca no alto rio Negro. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 214-247, 2016.

OSÓRIO, Andréa. Guloseimas para Animais de Estimação: Comensalidade, Afeto e Antropomorfismo. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 57-71, 2019.

PADRONE, Giovanni. *Protohistory and history of the dog leash. No silliest things about dogs*, v. 1, n. 2, p. 24-25, 2014.

PASTORI, Érica Onzi. (2012). **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de criação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.** 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, RS, 2012.

PASTORI, Érica Onzi; MATOS, Liziane. Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015.

PÉREZ GIL, Laura; CARID NAVEIRA, Miguel (curadores). 2016. **Corpos & objetos na Amazônia.** Curitiba: Editora UFPR.

PERRI, Angela. *Prehistoric dogs as hunting weapons: the advent of animal biotechnology.* In: BETHKE, Brandi; BURTT, Amanda (eds.). **Dogs:**

archaeology beyond domestication. Gainesville: University Press of Florida, 2024, p. 7-44.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do artesanato indígena.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RIVAS RUIZ, Roxani. **El gran pescador: técnicas de pesca entre los cocama-cocamillas de la Amazonía peruana.** Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2004.

RIVIÈRE, Peter. **Marriage among the Trio: a principle of social organization.** Oxford: Clarendon Press, 1969.

ROTH, Walter Edmund. **An introductory study of the arts, crafts, and customs of the Guiana Indians.** Washington: Government Printing Office, 1924.

SCHWARTZ, Marion. **A history of dogs in early Americas.** New Haven: Yale University Press, 1997.

SHIRATORI, Karen. (2018). **O olhar envenenado: da metafísica vegetal Jamamadi (médio Purus, AM).** 2018. 413 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

STEFANUTO, Miriam Rodeguero. **Trabalho calado:** uma etnografia dos índios Kaingang nos frigoríficos do oeste de Santa Catarina. Relatório de Pesquisa – UFSCar, São Carlos, 2015.

STÉPANOFF, Charles. **L'animal et la mort: chasses, modernité et crise du sauvage.** Paris: La Découverte, 2021.

SUCUPIRA, Gicelle. (2024). **Kapü kameakuē: o que colhi com Inute Tuta e os Kwazá-Aikanã.** 2024. 352 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFSCar, São Carlos, SP, 2024.

TAVARES DE MOURA, Ruben. Levantamento e descrição de artefatos indígenas relacionados à pesca no acervo da Reserva Técnica ‘Curt Nimuendajú’ – CCH/MPEG. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Antropologia**, Belém, v. 17, n. 2, p. 543-608, 2001.

TEÓFILO DA SILVA, Cristhian. **Cativando Maíra:** a sobrevivência dos índios avá-canoeiros no alto rio Tocantins. São Paulo: Annablume; Goiânia: PUC Goiás, 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia. das Letras, 2001[1983].

VANDER VELDEN, Felipe. **Inquietas companhias:** sobre os animais de criação entre os Karitiana. São Paulo: Alameda, 2012.

VANDER VELDEN, Felipe. *Village ornaments: familiarization and pets as art(ifacts) in Amazonia.* **Vibrant**, Florianópolis, v. 13, p. 58-77, 2016a.

VANDER VELDEN, Felipe. Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia). **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 25-35, 2016b.

VANDER VELDEN, Felipe. Das vespas que caçam com seus dentes: artefatos multiespécies, ritual e relações entre humanos e não humanos entre os Karitiana (Rondônia). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 1-34, 2022.

VIDAL, Lux. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

VILLAR, Diego. *Índios, blancos y perros.* **Anthropos**, St. Augustin, v. 100, n. 2, p. 495-506, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; HOLK, Ana Lucia Lutterbach. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. **Derivas Analíticas: Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise - MG**, disponível em: <https://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/castro>, acesso em 21 out. 2024.

VUTOVA, María. *Un perro no nace, se hace: relaciones entre grupos maipure-arawak y sus compañeros de caza.* **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2021, <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.85055>.

WILBERT, Johannes; SIMONEAU, Karin. **Folk literature of the Gê Indians.** Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, 1978.

YDE, Jens. **Material culture of the Waiwái.** Copenhagen: Nationalmuseet Skrifter – Etnografisk Række, X, 1965.